

*GONGITSUNE**Ruchia Uchigasaki*⁴¹*Allan Nywner Praia Mendonça*⁴²

RESUMO: Antes de deixar este mundo ainda jovem aos 29 anos, Nankichi Niimi deixou mais de 1500 obras em formas de poesias, haikus, tankas, romances, contos de fadas, canções infantis, peças de teatro e outros⁴³. "Gongitsune" é uma delas, escrita quando o autor tinha 18 anos, publicada na revista infantil "Pássaro Vermelho" em 1932. Em 1956, depois que este texto saiu no livro didático do japonês de escola primária, ele tem sido lido até hoje por muitas pessoas, tornando a obra-prima do autor. O texto base de "Gongitsune" lido por muitos japoneses é aquele que foi publicado na revista infantil "Pássaro Vermelho" e na qual houve muitas correções feitas pelo primeiro editor e escritor Miekichi Suzuki. Desta vez a tradução de "Gongitsune" para o português foi realizada da versão moderna do manuscrito original de Nankichi Niimi "Gongitsune" (Iwashita, 2013). A tradução em português de "Gongitsune" ocorreu durante 2014 e 2015 na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) numa pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sobre o título "A história de uma raposa: literatura japonesa e seus preceitos sociais e culturais".

Palavras-chave: Gongitsune, Niimi Nankichi, literatura japonesa, tradução para português

ABSTRACT: Before leaving this world still young at 29 years old, Nankichi Niimi left more than 1500 works in forms of poetry, haikus, tankas, novels, fairy tales, children's songs, plays and others. "Gongitsune" is one of them, written when the author was 18 years old, published in the children's magazine "Red Bird" in 1932. In 1956, after this text came out in the textbook of the Japanese elementary school, it has been read so far by many people, making the masterpiece of the author. The base text "Gongitsune" read by many Japanese is that which was published in the children's magazine "Red Bird" and in which there were many corrections in the first publisher and writer Miekichi Suzuki. This time the translation of "Gongitsune" into Portuguese was carried out in the modern version of the original manuscript of Nankichi Niimi "Gongitsune" (Iwashita, 2013). The Portuguese translation of "Gongitsune" occurred during 2014 and 2015 at the Federal University of Amazonas (UFAM) in search of the Institutional Scholarship Program for Scientific Initiation (PIBIC) under the title "The story of a fox: Japanese literature and its social precepts and cultural".

KEYWORDS: Gongitsune, Niimi Nankichi, Japanese literature, Portuguese translation

⁴¹Professora Assistente do Curso de Letras e Literatura Japonesa na Universidade Federal do Amazonas, orientadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) "A história de uma raposa: literatura japonesa e seus preceitos sociais e culturais" durante 2014-2015.

⁴²Graduando do Curso de Letras e literatura japonesa na Universidade Federal do Amazonas e orientando do PIBIC "A história de uma raposa: literatura japonesa e seus preceitos sociais e culturais" durante 2014-2015.

⁴³ Niimi Nankichi kinenkan. Disponível em: <<http://www.nankichi.gr.jp/nankichi/work/work.html>> Acesso em: 04 maio 2016.

GONGITSUNE*Nankichi Niimi***Tradução:** *Ruchia Uchigasaki e Allan Nywmer Praia Mendonça*

Quando eramos pequeno, havia na nossa vila um velho chamado Mosuke. Nós o chamávamos de “Mosukejî⁴⁴”. Como Mosukejî já estava velho e não podia trabalhar só lhe restava ser a babá. Nos dias de sol em frente aowakaishugura⁴⁵, nós brincávamos muito com o Mosukejî.

Eu já não lembro o rosto do Mosukejî. Entretanto, eu apenas me lembro das grandes mãos do Mosukejî ao descascar a laranja-doce. Ouvei dizer que Mosukejî tinha sido um caçador quando jovem. A próxima coisa que gostaria de falar é algo de quando eu era pequeno, na frente dowakaishugura, conversa que eu ouvi do Mosukejî.

I

Há muito tempo, quando Tokugawa⁴⁶–sama⁴⁷ se tornou o governador do Mundo, em um pequeno castelo em Nakayama⁴⁸, um príncipe chamado Nakayama–sama⁴⁹ vivia com poucos servos. Nesse tempo, em uma montanha um pouco distante de Nakayama, havia um raposo chamada “Gongitsune”. Gongitsune era um pequenoraposo solitário, vivia dentro de um buraco que fizera em um lugar exuberante cheio de isasagi⁵⁰. E, mesmo de dia ou de noite, saía a caverna só para fazer traquinagens. Indo adocampo, escavava as batatas, ateava fogo nas cascas das colzas ou ia pegar as pimentas que estavam penduradas na porta dos fundos da casa dos lavradores.

Isto aconteceu em um Outono. Choveu durante dois a três dias seguidos, e Gongitsune estava desesperado para ir lá fora, agachado na caverna. Quando a chuva passou, Gongitsunesaiu imediatamente da caverna. O céu estava ensolarado e limpo, e ressoava estridentemente a voz do picanço.

⁴⁴Sufixo “jî” significa velho.

⁴⁵Nos festivais, os principais jovens se juntam para se preparar no armazém onde está palanquim xintoísta (*mikoshi*). wakaishugura se refere a esse armazém que fica dentro do recinto do santuário.

⁴⁶A utilização dessa nomenclatura sugere uma determinada Era. Tokugawa Ieyasu foi o fundador do Xogunato no Japão.

⁴⁷Sufixo de tratamento equivalente ao “excelentíssimo” da língua portuguesa.

⁴⁸Cidade natal de Niimi Nankichi ficava na Província de Aichi, Cidade de Handa, bairro Yanabe.

⁴⁹De fato havia senhor feudal Katsutoki Nakayama em Yanabe no final de período de guerras civis (século XVI).

⁵⁰Hisakaki. Nome científico: *Eurya japonica*. Planta do gênero *Pentaphylacaceae*, utilizada também como planta ornamental.

Gongitsune veio pelo dique do rio Sedo. *Chigaya no ho*⁵¹ ainda com uma gota de chuva, estavam radiantes. O rio Sedo é sempre um rio com pouca água, mas com dois a três dias de chuva, a água tinha aumentado de repente. A turva água amarelada seguia fina onde não era absorvida, passando pelos trevos, fluindo continuamente rio abaixo. Gongitsune também, descendo rio abaixo, caminhou pela lama fazendo chape chape.

Olhando casualmente, viu que dentro do rio havia alguém fazendo alguma coisa. Gongitsune foi esgueirando-se por entre o mato mais denso para não ser achada, e de lá ficou observando o sujeito.

“É Hyôjû”, pensou Gongitsune.

Hyôjû, vestindo um molhado *quimono* preto e mergulhado no rio da cintura para baixo, balançava a rede de pescar o peixe chamado *harikiri*. Ao lado de sua cabeça enfaixada, como uma grande pinta, estava presa uma grande folha arredondada de *hagi*.⁵²

Depois de algum tempo, mais atrás da rede de *harikiri*, Hyôjû levantou-a para fora da água formando um tipo de bolsa. Dentro dela, desgrenhando raiz de grama, folha de capim e lasca de madeira, etc., conseguiu ver aqui e ali uma coisa branca. Era uma grande barriga de enguia, uma barriga de um grande *badejo*.

Hyôjû colocou o peixe esgui, badejo e outros dentro do cesto de peixe, junto com a sujeira. E novamente, amarrando a boca da rede, colocou-a na água.

Hyôjû pegou o cesto e se saiu do rio. Então, alocando-o, foi ver alguma coisa rio acima enquanto a água respingava pelas bordas do *kimono*.

Quando Hyôjû se ausentou, Gongitsune de chofre saltou para dentro do mato. Como o cesto não tinha tampa, simplesmente foi ver se havia alguma coisa dentro. Gongitsune, subitamente ficou de vontade de fazer travessura, apanhou os peixes do cesto e devolveu os abaixo da rede *Harikiri* para dentro do rio. Todos os peixes faziam pumba enquanto desapareciam dentro da água turva. No final, intentou pegar aquela grossa enguia, mas pegajosa esta enguia não foi pego pelas mãos de Gongitsune. Gongitsune tentou pegar aquela enguia.

Finalmente, enfiando a cabeça dentro do cesto de peixes, Gongitsune segurou com os dentes a cabeça da enguia. A enguia soltou rangido e se enrolou no pescoço de Gongitsune.

⁵¹Erva daninha do tipo de gramíneas que se cresce muito nas telhas e dá espiga brancas.

⁵²Um arbusto da família das leguminosas.

Naquele momento Hyôjû gritou: – Ah, raposo, seu ladrão! Aparecendo logo ali ao lado.

Gongitsune deu um salto. Soltou a enguia e tentou fugir. Entretanto, a enguia estava enrolada no seu pescoço e não largava. Desse jeito, Gongitsune saiu pulando de um lado para o outro, fugindo na direção de sua toca. Desse jeito, Gongitsune saiu pulando de um lado para o outro, fugindo na direção de sua toca.

Debaixo de uma árvore de amieiro preto perto da toca, ele parou para olhar, mas Hyôjû não o estava perseguindo.

Gongitsune ficou aliviado de a enguia ter soltado o seu pescoço e colocando-a sobre as folhas de *Isasagi* da entrada da toca, entrou no buraco. A barriga escorregadia da enguia, exposta à luz calorosa do Outono, brilhava embranquecida.

II

Uns dez dias depois, aconteceu que Gongitsune estava andando atrás da casa de um fazendeiro chamado Yasuke e na sombra de uma figueira, sua esposa estava tingindo⁵³ os dentes de preto.

Atravessando pela casa dos fundos do ferreiro Shinbei, sua esposa estava escovando os cabelos.

Gongitsune pensou: “Tem alguma coisa acontecendo na vila.”

“Mas afinal o que poderia ser? Será que é um festival de Outono? Mas, se fosse um festival de outono, poderia fazer o som dos tambores e das flautas. Além disso, para começar, haveria uma bandeira erguida no templo xintoísta e logo saberia.”

Enquanto vinha pensando sobre este assunto, sem se dar conta ele chegou até a frente da casa de Hyôjû que tinha um notável poço vermelho.

Havia uma multidão de pessoas dentro da surrada casa do Hyôjû. Na casa, mulheres formalmente vestido de belos *kimonos* com toalhas penduradas na cintura, faziam o fogo no forno.

Dentro de uma panela grande, algo estava cozinhando ruidosamente.

“Ah, é um funeral”, pensou assim Gongitsune.

Como um momento assim só poderia ser um funeral, Gongitsune logo entendeu.

“Então, quem teria morrido?” Gongitsune pensou casualmente.

⁵³ Líquido para tingir os dentes. Antes da era Meiji, mulheres casadas do Japão, do sul da China e Sudeste Asiático tingiam os dentes de preto apreciando como maquiagem.

Entretanto, se ficar sempre no lugar assim, era perigoso ser avistada, por isso Gongitsune sorratamente saiu da frente da casa do Hyôjû.

Passado meio dia, Gongitsune foi até o túmulo e se escondeu atrás das estátuas dos Seis *Jizou*⁵⁴. Era um belo dia e os telhados de azulejos do castelo brilhavam. No túmulo os amarílis florescia como um brocado vermelho.

Há um pouco tempo, da direção da vila, um sino tocava blém blém. Era o sinal da partida do funeral.

Logo começou a enxergar aos poucos, o cortejo fúnebre de *kimonos* brancos vindo para dentro do cemitério. O som do sino acabou cessando. O som das falas ficou próximo.

O cortejo fúnebre entrou no cemitério. Depois que as pessoas passaram, os amarílis ficaram quebrados.

Gongitsune esticou a cabeça para ver. Hyôjû com vestido de *kimono* branco⁵⁵, erguia a lápide funerária. O rosto dele sempre vigoroso e feliz como uma batata doce murchara de alguma forma.

“Então, quem morreu era a mãe do Hyôjû.”

Enquanto pensava nisso, Gongitsune abaixou a cabeça atrás dos seis *Jizou*. Nessa noite, Gongitsune ponderava dentro da toca.

“Enquanto a mãe do Hyôjû estava doente, ela deve ter dito que queria comer enguias. Então Hyôjû tirando a rede de *harikiri*, ele pegou a enguia. No entanto eu fui sórdido ao fazer travessura e acabei pegando enguias. Por isso, Hyôjû não pode dar enguia para sua mãe comer. Assim ela deve ter morrido. Enquanto dizia “eu quero comer enguia, eu quero comer enguia”, ela deve ter morrido. Ah, se eu não tivesse feito aquela traquinagem, estaria tudo bem...”

O grilo cricrilando cantava de vez em quando na entrada da toca.

III

Hyôjû estava lavando cevada no seu poço vermelho. Até agora, Hyôjû havia vivido uma vida pobre junto de sua mãe. Quando ela morreu, ele ficou sozinho.

⁵⁴ Jizou é a encarnação dos votos budistas, que é a aspiração para salvação de todos do sofrimento. Ele é protetor das mulheres, crianças e viajantes nos seis planos da existência. Comum em toda a Ásia, no Japão é conhecido como *Jizou Bosatsu*. Sua função é guiar os viajantes em ambos os planos: o físico e o espiritual. Geralmente é retratado como um monge criança ou como um peregrino com bordão portando seis anéis que, retinindo, anunciam sua chegada amigável. Algumas vezes ele é representado segurando uma jóia *dharma*, a luz serena que espanta toda a forma de medo.

⁵⁵No Japão, até época Taishô (1912-1925), pessoa que presidia ao funeral utilizavam *kimono* branco.

“Ele está solitário, como eu.” pensou Gongitsune, enquanto olhava Hyôjû lavar a cevada detrás do celeiro.

Gongitsune tentou sair detrás do celeiro para lá quando de algum lugar, ele ouviu a voz de um mascate dizendo: – Promoção⁵⁶ de sardinhas! Sardinhas!

Gongitsune correu na direção daquela voz vigorosa por dentro do campo de batatas.

A esposa de Yasuke disse da porta de trás da casa: dê-me sardinha. O vendedor de sardinhas estacionou seu carrinho de mão ao lado da rua e, segurando com as duas mãos sardinhas brilhantes, levou as na casa de Yasuke. Nesse intervalo, Gongitsune tirou cinco ou seis sardinhas de dentro do carrinho de mão, saiu correndo pelo caminho de onde veio. Então, da porta dos fundos da casa do Hyôjû, lançando os peixes para dentro dela, correu toda pressa para sua toca. Parando próximo do amieiro e olhando para trás, ele ainda conseguia ver mingudadamente Hyôjû no poço, debulhando a cevada.

Gongitsune achou que tinha feito algo de bom. No dia seguinte, Gongitsune foi à montanha e trouxe frutos do castanheiro. E o levou a casa do Hyôjû.

Estranhamente, Hyôjû tinha arranhados na sua bochecha. “O que será que aconteceu?” achou Gongitsune, enquanto Hyôjû falava consigo mesmo.

–Mesmo pensando muito, eu não entendo. Por que alguém jogaria umas sardinhas como estas na minha casa. Por causa disso o vendedor de sardinha pensou que eu era ladrão e me maltratou.

Ele ainda estava resmungando.

Gongitsune pensou que cometera um grande erro. Coitado. Ele apanhou até ficar com o rosto arranhado daquele jeito.

Gongitsune, andou à volta em silêncio a direção do celeiro, deixou na sua entrada os frutos do castanheiro que trouxe e voltou para a toca.

Todos os dias que se seguiram, Gongitsune vinha trazer os frutos do castanheiro, durante o tempo em que Hyôjû não sabia, ele deixava na casa dele. Não apenas castanhas, mas também levava às vezes cogumelos e lenha. E Gongitsune já não fazia travessuras.

IV

⁵⁶ Liquidação; termo no japonês utilizado para “venda em valor muito baixo”.

Numa bela noite enluarada, Gongitsune saiu para brincar. Indo um pouco abaixo do castelo de Nakayama–sama, por um fino caminho, parecia que alguém vinha. Ouvia voz de alguém falar.

– Cri, Cri, Cri, os *Matsumushi*⁵⁷ cantavam em algum lugar naquelas proximidades.

Gongitsune ficava quieto em um dos lados da estrada. As vozes ficavam cada vez mais próximas. Eram os dois agricultores, Hyôjû Kasuke.

– Então, Kasuke, disse Hyôjû.

– Hm.

– Coisas muito estranhas aconteceram comigo.

– O quê?

– Desde que minha mãe morreu, alguém me traz castanhas, cogumelos e outras coisas.

– Hm, quem está trazendo?

– Eu não sei. Semeu saber, deixa as na minha casa.

Gongitsune seguiu o rastro dos dois.

– Sério? Falou Kasuke, desconfiado.

– Verdade. Se você acha que é mentira, venha ver amanhã que eu mostrar–lhe–ei as castanhas.

– Que estranho.

Os dois seguiram seus caminhos calados.

De repente, Kasuke deuolhada para trás. Gongitsune se assustou e encolheu–se na beira da estrada.

Kasuke, sem saber de nada, voltou a seguir em frente.

Chegando até a casa do agricultor chamado Kichibê, os dois entraram casa dele. Tom–tom, tom–tom, os tamboresdo templo⁵⁸ soavam. A luz iluminava a porta corrediça da janela. E se mexia a projeção da grande cabeça do monge. Gongitsune pensou: “Pode ter uma oração cerimonial”. Gongitsune estava abaixado perto do poço.

Depois de um tempo, cerca de três pessoas entraram na casa de Kichibê. Se ouvia a leitura dos sutras.

Gongitsune ficou abaixado próximo ao poço até o fim das orações cerimoniais. Com as orações cerimoniais encerradas, Hyôjû e Kasuke saíram para voltar juntos.

⁵⁷ Espécie de grilo japonês. Ver: *Xenogryllus marmoratus*.

⁵⁸O tambor de madeira em forma de peixe utilizado nos ritos budistas.

Gongitsune, pensando em ouvir a conversa dos dois, os seguiu. Ele seguia pisando a sombra de Hyôjû.

Quando chegou até em frente do castelo de Nakayama–sama, Kasuke começou a dizer devagar.

– Talvez, isso é uma obra dos deuses! –

– Eh?Hyôjû, assustado, olhou para o rosto de Kasuke.

– Eu fiquei pensandodesde aquela hora sobre isso, e mesmo pensando muito, isso não é de um humano, é obra divina. Os deuses tendo piedade de que você ficou sozinho, deu as castanhas e outras coisas como compaixão. Disse Kasuke.

– Será?

– Isso mesmo. Portanto, seria bom você agradecer a Deus todos os dias.

– Sim.

“Que coisa sem graça.”achou Gongitsune. Eu mesmo quem trouxe as castanhas e oscogumelos, e em vez de agradecer a mim, fica agradecendo a Deus. Melhor seria que não houvesse Deus.

Gongitsune ficou zangado com Deus.

V

Nesse dia também, Gongitsune pegou os frutos do castanheiro e levou até a casa de Hyôjû. Hyôjû estava fazendo uma corda no seu celeiro. Então, Gongitsune deu a volta pelos fundos e entrou na casa pela porta de trás.

No momento em que Hyôjû levantou a cabeça, ele percebeu que um raposo tinha entrado em casa. Hyôjû se lembrou daquele outro dia. É o raposo que roubou a enguia. Com certeza ele deve ter vindo pra fazer travessuras hoje também.

– Espere!

Hyôjû se ergueu, tirou o seu mosquete da parede e o carregou.

Então, caminhando sem fazer barulho, e “Bang!” ele atirou em Gongitsune que tentava sair da porta dos fundos naquele momento.

Gongitsune tombou de chofre. Hyôjû correndo se aproximou. Porém, Hyôjû percebeu, como sempre, os frutos do castanheiro deixado junto na porta dos fundos.

– O que!Hyôjû baixou os olhos em Gongitsune.

– Gon, era você que trazia as castanhas.

Gongitsune, enquanto esmorecia, ficou feliz. Hyôjû largou o mosquete. Uma fumaça azul, finalmente, ainda saia do cano da arma.

REFERÊNCIAS

HIDA, Yoshifumi. *Gendai Nippo Jiten*. Tóquio: Shogakukan, 2010.

IKEGAMI, Mineo, (org.). *Dicionário do Português Contemporâneo*. Tóquio: Hakusuisha, 2005.

IWASHITA, Osamu. *Nankichi Originaruban Gongitsune*, 2013.

NANKICHI, Niimi. *Gon, the Little Fox*, Tóquio: Kodansha English Library, 2007.

NANKICHI, Niimi: *Niimi Nankichi Douwashuu*; Tóquio: Iwanami, 1996.

Niimi Nankichi Kinenkan. em : <<http://www.nankichi.gr.jp/nankichi/work/work.html>>
Acesso em: 04 maio 2016.

SAKANE, S., HINATA, N. *Dicionário Português-Japonês Romanizado*. Tóquio: Kashiwa Shobo, 1986.